

## DETURPADO

**Leonardo Hasse**  
(Universidade Federal de Santa Catarina)

Enquanto me olho ao espelho só consigo sentir uma necessidade excruciante de arrancar todos os meus pelos. Minhas sobrancelhas, cílios, costeletas, barba e, por fim, cabelos. Não suporto a cor reluzente desses louros solares, desses fios sedosos metaforizados em campos de trigo. Abomino esses cachos dourados amarrotados em notas de papoula, esses narcisos tão sempre esvoaçantes ao léu outonal.

Assim, passo as mãos. Deslizo. Ranjo. Decido. Corto. Sorrio. Puxo. Mostro os dentes. Arranco. De novo, e de novo. Enruivo-me, inevitavelmente.

Encontro-me em cima de antigas partes que tive e que não podem ser minhas novamente. É impossível, é inviável, é maravilhoso, é libertador. Como se um cachorro selvagem corresse incansavelmente da domesticação, corresse de uma tigela de água fácil, de uma outra com comida premeditada, de banho, de segurança e conforto eternos, de afago humano. O prazer pela autonomia, mas não pela solidão; pela adrenalina, mas não pela morte; por uma matilha que se necessita, mas que não se obriga.

Começando a me provar, a falar sozinho, a ler meus próprios pensamentos, divago em minha cabeça sobre o acontecido. Machucada e curada. Pronta para ser posta ao fogo, curada. Curada, mas não curada. Temperada, então. Sem temperamento equilibrado, assim. O espírito glutão se debruça pelo impulsivo, amalgamando-se. Corpo e mente. Sãos que não são.

Os pelos eventualmente começarão a crescer novamente, mas serão inéditos, serão partes completamente ímpares ao que até então compôs meu corpo, mas pelo menos não serão mais daquela maldita tonalidade, serão da cor que eu quiser que sejam. Serão azuis, verdes, vermelhos, pretos, cinzas, brancos, roxos. Serão qualquer cor, exceto aquela.

Fins que se aproximam fazem cada vez mais sentido, ao passo que o começo se torna sórdido para o processo factual. Em minha mente essa afirmação mental não é tão óbvia, apesar de que acho que só estou escrevendo nas linhas tortas de minha mente

# da GAVETA

revista da graduação em letras unirio

não tão conturbada quanto eu acho que de fato sei. Engraçado ficar metalinguístico assim do nada. Voltando ao texto, leitor, perdão.

Verdadeiros pensamentos de não pertencimento batem como galhos secos nas janelas de um casarão, como uma luz que pisca ao fundo de um corredor muito, muito longo. Como coelhos cientes do destino que os reserva, seja ele a morada claustrofóbica dentro de outro animal, seja ele o colo acalentador daquele que persevera pelo melhor. São saborosos de qualquer maneira. Dessa forma, meus maiores devaneios pincelados de angústia, marinados em intriga, recheados de curiosidade, te servem esse prato talvez insosso, talvez vivo.